

Utopias, ideologias e o “leito de Procusto”

ANTONIO OZAÍ DA SILVA*

Resumo

As utopias são generosas! Elas prometem um novo mundo, uma nova era de harmonia, igualdade, justiça e paz. Elas estão presentes em todas as épocas históricas. Profetas anunciam o novo tempo, o povo eleito espera o Messias para restaurar o reino e realizar os anseios dos injustiçados e oprimidos. As utopias têm caráter religioso ou profano. Expressam-se em crenças e ideologias escatológicas. Elas são respostas criativas às desventuras e dilemas da existência humana em cada época histórica. Da Antiguidade clássica à modernidade, os homens e mulheres rebelam-se contra a realidade existente. Por outro lado, as utopias e ideologias, embora generosas em suas promessas, contêm aspectos autoritários e intolerantes em germen. Neste sentido, elas se referem aos melhores sonhos humanos, mas também aos seus pesadelos. A mitologia da antiguidade grega, mais precisamente a referência ao “leito de Procusto”, contribui para a reflexão sobre os seus aspectos negativos. Assim, neste texto será analisado os laços entre utopias e ideologias, a função crítica à sociedade vigente e, ao mesmo tempo, sua aceitação acrítica. Em outras palavras, se as utopias e ideologias são fundamentais para a perspectiva da transformação da realidade existente, é preciso não isentá-las da reflexão crítica.

Palavras-chave: Utopias; Ideologias; Socialismo; Comunismo; Marxismos.



* **ANTONIO OZAÍ DA SILVA** é Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá; Mestre em Ciência Política (PUC-SP); Doutor em Educação (USP); Pós Graduado em História das Religiões (DHI-UEM)

Ideologia e Utopia

O que é ideologia? Em que medida ideologia e ciência se diferenciam? O *status* científico autoproclamado pelos pensadores e formuladores de teorias é isento de valores? É possível desenvolver uma ciência descomprometida ideologicamente? A neutralidade axiológica é uma meta alcançável? Em que medida, especialmente no campo das ciências humanas, as narrativas que se pretendem científicas realmente o são? Ou será que muito do que se apresenta como ciência no *campo científico* expressa, de fato, narrativas ideológicas em linguagem e pretensão científica?

O conceito *ideologia* é polissêmico.¹ Para Mannheim, por exemplo, a ideologia refere-se ao conjunto de ideias e ações que objetivam manter a ordem existente.² Dessa forma, a ideologia deforma a realidade, obscurece os antagonismos e conflitos sociais e atua na perspectiva de manutenção do *status quo*. Por isso, Mannheim contrapõe à

utopia.³ Para ele, a utopia não apenas desvincula-se da ideologia como do real existente. Sua relação com a realidade dá-se apenas enquanto negação. Aqui, a utopia não é um *vir-a-ser* mas algo a ser vivenciada *agora*. “Um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre”, afirma (MANNHEIM, 1976, p. 216). Não é suficiente, portanto, que as ideias transcendam a ordem existente para ser consideradas utópicas; é preciso que se orientem pela ruptura das amarras com o existente, que se declare plenamente incompatível. Ideologia e utopia são distinguidas pela relação que mantêm com a ordem social existente. Para que as ideias desempenhem o papel utópico, isto é, adquiram um “estado de espírito utópico”, é necessário que não apenas transcendam a ordem, mas que incorporem-se nos grupos sociais oprimidos e capazes de revolucionar a ordem. A mentalidade utópica, em suma,

¹ Como explica Terry Eagleton (1997, p. 15), “o termo “ideologia” tem toda uma série de significados convenientes, nem todos eles compatíveis entre si. Tentar comprimir essa riqueza de significado em uma única definição abrangente seria, portanto, inútil, se é que possível. A palavra “ideologia” é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias (...)”. Também Michael Löwy (1987, p. 9-10) ressalta este aspecto: “Existem poucos conceitos na história da ciência social moderna que sejam tão enigmáticos e polissêmicos como esse de ideologia. Ao longo dos últimos dois séculos ele se tornou objeto de uma acumulação incrível, até mesmo fabulosa, de ambiguidades, paradoxos, arbitrariedades, contra-sensos e equívocos”.

² Aqui, retomamos argumentos expostos em *Ideologia e Utopia*, publicado no REA, n. 96, maio de 2009, disponível em http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp_ozai.htm

³ Também o termo Utopia é polissêmico, com significados positivos e negativos. Como escreve Faria (1991, p.136): “Em busca da definição de um conceito de utopia, nos deparamos com duas unanimidades: sua complexidade e diversidade de aproximações cabíveis e a nítida coloração cotidiana e vulgar do vocábulo utopia, impregnado de descrença, carregado da pecha de fantasia, impossibilidade, intangibilidade e, portanto, pejorativa e implicitamente marcado como inútil. Este resíduo final, a inutilidade, geralmente não é expresso pelos dicionários, mas permanece latente, como composto básico desta qualificação extremamente difundida, que é sempre mencionada pelos estudiosos que, apesar disto, normalmente menosprezam a produtividade da forma negativa e reductiva dada pelo “homem na rua” ao termo utopia. Se o elemento de fantasia e intangibilidade é uma constante no pensamento utópico, também há nele o anseio, o desejo por uma vida melhor, por um mundo que se compatibilize com esta procura. Esta é uma conotação positiva que é tida como elemento-chave do seu dinamismo.”

é revolucionária; a ideologia permanece atrelada ao existente.⁴

Esta distinção, embora conceitualmente importante, parece-nos limitada quando confrontada com a realidade das lutas sociais inspiradas em ideologias que se pretendem revolucionárias. Se concordarmos com a teoria do autor húngaro, não podemos caracterizar “marxismo”, “anarquismo”, etc., enquanto ideologias, mas sim enquanto utopias. Contudo, na história das lutas concretas, o pensamento revolucionário revelou-se contestador da ordem existente e se propôs à construção da nova sociedade, uma nova ordem social. E, com o passar do tempo, as ideias contestadoras da ordem social vigente passaram a ser concebidas como ideologias. Dessa forma, a ideologia é mais do que a mentalidade ilusória e deformada sobre a realidade, tendencialmente direcionada para a conservação do *status quo*. Em outras palavras, a “ideologia” não é apenas o recurso das classes dominantes para dissimular a realidade, mas também meio para o desvendamento desta. Quem atua na perspectiva da crítica à “ideologia dominante” também afirma a sua ideologia. E ao afirmá-la enquanto perspectiva de revolucionar a ordem social existente também assume o caráter

utópico. A teoria socialista também é ideologia. Descartar isto, “é, na realidade, uma estratégia auto-desarmante, uma estratégia que só pode beneficiar o adversário, que tem profundo interesse em apresentar sua própria posição como genuinamente “consensual”, “objetiva”, “científica” e completamente “isenta de viés ideológico” (MÉSZÁROS, 1996, p. 27). As ideologias expressam o desejo de concretizar as utopias; ideologias complementam-se e confundem-se com utopias e vice-versa.

Porém, não se trata de reduzir as utopias à ideologia racionalista e cientificista: isto seria anular-se a utopia, já que esta nutre-se da imaginação. Assim, na medida em que a ideologia perde seu caráter utópico, torna-se conservadora, fixa-se no tempo enquanto cristalização da ordem social. Por outro lado, a afirmação e consolidação do pensamento de Marx e Engels no interior do movimento operário exigiu o confronto e a superação dos socialistas utópicos e todas as manifestações de utopismo.⁵ Os fundadores do chamado “socialismo científico” não pouparam críticas a Charles Fourier, Robert Owen, Saint-Simon, entre outros. Em “*Do socialismo utópico ao socialismo científico*”, Engels analisa os precursores do

⁴ ANDRADE (2009, p. 135), nota que: “Diferentemente da ideologia, a orientação do comportamento utópico está diretamente relacionada à transformação da realidade existente. Neste sentido, seria próprio à postura utópica primeiramente ser encarnada por grupos políticos e sociais em franca oposição ao vigente, no qual a denúncia das contradições inerentes à ideologia dominante os coloca em situação de agir no sentido de transformação do real. Em segundo lugar, mais do que um modelo idealizado de sociedade futura, o que seria específico do comportamento utópico se encontra em sua necessidade de agir já em meio à sociedade vigente no sentido de sua transformação.”

⁵ No século XIX, a crítica ao liberalismo se traduz na ênfase no “social” em contraposição “individual”, no princípio da cooperação versus a competição e o *laissez-faire*. Como ressalta Cole (1974, p. 10): “A palavra “socialista” denotava os que defendiam alguns dos muitos “sistemas sociais” que lutavam entre si e coincidiam na hostilidade contra a ordem individualista que prevalecera no campo econômico, e contra o predomínio concedido às questões políticas sobre as sociais e econômicas nas opiniões e atitudes contemporâneas acerca das relações humanas e da justa ordenação dos assuntos públicos”.

socialismo e, após tecer elogios aos aspectos que expressam avanços no que diz respeito à crítica da sociedade burguesa, mas com o devido cuidado de apontar os limites históricos desta formulações, demolindo a argumentação utopista, ele nota que o desenvolvimento da economia capitalista e a irrupção das lutas operárias, cada vez mais intensas, ofereceram a base material necessária à superação da dialética idealista hegeliana. “Agora o idealismo era expulso do seu último refúgio, a concepção da história, havia uma concepção materialista da história, e estava encontrada a via para explicar a consciência dos homens a partir do seu ser, em vez de, como até então, o seu ser a partir da sua consciência”, escreve Engels (1985, p.148). Isto, em sua percepção, forneceu a base real concreta para uma nova forma de conceber o socialismo, não mais utopista, mas sim científico. Nas palavras de Engels:

“O socialismo aparecia agora, por conseguinte, já não como a descoberta casual desta ou daquela cabeça genial, mas sim como o produto necessário da luta entre duas classes historicamente surgidas, o proletariado e a burguesia. A sua tarefa já não era a de fabricar um sistema de sociedade o mais perfeito possível, mas a de investigar o curso econômico-histórico de que brotaram, necessariamente, aquelas classes e o seu choque, e descobrir na situação econômica assim criada os meios para a solução do conflito” (Ibidem).

Engels reconhece a contribuição dos socialistas utópicos, mas aponta que a crítica utopista restringia-se às consequências econômicas e sociais do

modo de produção capitalista; uma crítica de caráter essencialmente moral, incapaz de identificar e explicar os mecanismos do seu funcionamento e, portanto, limitado às experiências comunitárias isoladas que revelaram-se impotentes para a superação do capitalismo, restando apenas a sua rejeição moralista. Em sua avaliação, o “socialismo científico” foi além da crítica moral e descobriu a chave para a crítica científica do capitalismo: a *mais-valia*! “Estas duas grandes descobertas, a concepção materialista da história e a revelação do segredo da produção capitalista por meio da mais-valia, devemo-las a Marx. Com elas o socialismo tornou-se uma ciência, e trata-se agora como antes de continuar a elaborá-la em todos os seus pormenores e conexões”, conclui Engels (ibidem, p.149).

A crítica de Marx e Engels aos utopistas está presente no *Manifesto Comunista*.⁶ Neste, como aponta Martin Buber (1971), a palavra-chave é “proletariado”: “Os sistemas propriamente socialistas e comunistas, os sistemas de Saint-Simon, Fourier, Owen, etc., surgem no primeiro período, ainda não desenvolvido, da luta entre o proletariado e a burguesia”, afirmam Marx e Engels (1982, p.132). Os autores criticam os utopistas por não reconhecerem o papel histórico do proletariado, por não verem neste “nenhuma actividade histórica, nenhum movimento político próprio”. Daí o repúdio à ação política do proletariado, especialmente à sua atuação revolucionária, a pretensão de atingir pacificamente os objetivos de reforma social – inclusive contando com o apoio da sociedade e de indivíduos burgueses –

⁶ Esta obra foi escrita por Marx e Engels entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848; publicada em fevereiro de 1848, 29 anos antes do “Anti-Durhing”, obra da qual foi retirado trechos para a

elaboração da brochura intitulada “Do socialismo utópico ao socialismo científico”, publicada em 1880.

e “procurem, com pequenas experiências naturalmente condenadas ao fracasso, abrir pela força do exemplo o caminho ao novo evangelho social” (Ibidem, p.133). De certa forma, como bem observou Oswald de Andrade, a publicação do *Manifesto Comunista* encerra o *ciclo das utopias*⁷, iniciado no renascimento com Thomas More, Campanella e outros – inspirados na *República*, de Platão.

Marx e Engels fixam posições políticas. Não se trata apenas de uma polêmica em torno de conceitos, mas de delimitar campos políticos, arregimentar seguidores e combater a influência dos autores utopistas sobre o proletariado. Neste momento histórico, o marxismo – termo cunhado na luta política pelos que se opunham à influência de Marx e Engels e dos seus seguidores, mas posteriormente aceito⁸ – é minoritário entre a classe trabalhadora. A influência dos pensadores pré-marxistas, ou mesmo contemporâneos como Proudhon, é determinante. Segundo Marx e Engels (Ibidem, p.134):

“A importância do socialismo e comunismo crítico e utópico é inversamente proporcional ao desenvolvimento histórico. Na medida em que se desenvolve e ganha forma a luta de classes, perde esta elevação fantástica acima dela, esta luta fantástica. Se por isso, os autores destes sistemas foram, em

muitos aspectos, revolucionários, a verdade é que os seus discípulos formaram sempre seitas reacionárias. Perante o desenvolvimento histórico continuado do proletariado perseveraram nas velhas concepções dos mestres. Por isso procuram consequentemente embotar o de novo a luta de classes e mediar os antagonismos. Continuam ainda a sonhar com a realização, a título de experiências, das suas utopias sociais, com a fundação de falanstérios isolados, com o estabelecimento de colônias no país, com a construção de uma pequena Icária⁹ – edição de formato reduzido da nova Jerusalém –, e para a construção de todos estes castelos no ar tem de apelar à filantropia dos corações e das bolsas dos burgueses.”

O *socialismo científico* seria, portanto, a expressão da evolução do proletariado enquanto classe social antagônica à burguesa. Armado da ciência, isto é, do *socialismo científico*, o proletariado passa a ter a missão redentora de superar o capitalismo e instituir a nova ordem social. Ele é a chave para a transformação social revolucionária.

Para o filósofo Martin Buber, a crítica de Marx e Engels tende a desconsiderar as experiências dos socialistas utópicos no que elas “contém de positivo” e “fadado a perder seu valor e sua justificação

⁷ “Pode-se chamar de Ciclo das Utopias esse que se inicia nos primeiros anos do século XVI, com a divulgação das cartas de Vespúcio, e se encerra com o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848, documento esse que liquida o chamado Socialismo Utópico, aberto com a obra de Morus e que, superado, chega, no entanto, até o século XIX, quando o francês Cabet publica a sua *Viagem à Icária*, último país onde o puro sonho igualizante encontrou guarida e afago. (...) Com o *Manifesto* de Marx e Engels anuncia-se o novo ciclo - o do chamado Socialismo Científico. Com ele coincidem os

grandes abalos da Europa liberal do século passado, onde esplendem, entre outras, as figuras de Mazzini e Garibaldi. Marca a brecha decisiva no poder temporal dos papas o fim da Santa Aliança e de seus resíduos reacionários.” (ANDRADE, 1990, p.161).

⁸ Sobre este aspecto, ver HAUPT, Georges. **Marx e o Marxismo**. (1980) In: HOBBSAWM, Eric (Org.). **História do Marxismo**, vol.1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 347-375.

⁹ Referência crítica à tentativa de implantar uma colônia comunista nos EUA, inspirada na obra *Voyage en Icarie*, de Étienne Cabet (2006).

teórica” (1971, p.9). Esta crítica encontra seu alvo em concepções presentes na *Liga dos Justos* (denominação anterior da *Liga dos comunistas*). Buber observa que:

“No projeto elaborado por Engels, na ocasião, ainda não se fala em socialistas ou comunistas “utópicos”, mas somente em homens que propõem “grandiosos sistemas de reforma”, que, a pretexto de reorganizar a sociedade, pretendem conservar as bases da sociedade atual e, portanto, essa mesma sociedade”; por esse motivo, são qualificados de “socialistas burgueses” aos quais é preciso combater, qualificação que, na redação definitiva, foi aplicada a Proudhon” (Ibidem, p. 10).

Segundo Buber, a crítica aos socialistas utópicos expressa a luta de Marx e Engels pela prevalência das suas posições no campo do socialismo:

“...o capítulo do Manifesto que impugnava o “utopismo” tinha o significado de um ato de política interna, na acepção genuína da palavra; concluir vitoriosamente a luta que Marx, secundado por Engels, sustentara inicialmente dentro da própria “Liga dos Justos” (e que agora se chamava “Liga dos Comunistas”) contra as demais tendências que se dominavam a si mesmas, ou que eram denominadas por outras, de comunistas. O termo “utópico” foi o último e o mais afiado dardo desfechado nessa luta” (Ibidem, p.11).

Trata-se, portanto, de uma luta entre concepções, na qual as palavras ganham significados influenciados pelos interesses em disputa. A linguagem também está sob disputa política. É claro

que a concepção vitoriosa terá que destruir também do ponto de vista da semântica; as palavras cumprem função política-ideológica. No embate político, o termo *socialismo utópico* passou a ter conotação negativa, contraposta ao *socialismo científico*, este sim, de significado positivo:

“Inicialmente, Marx e Engels davam o nome de utopistas àqueles cujas ideias precederam o desenvolvimento decisivo da indústria, do proletariado e da luta de classes, os quais não poderiam, por isso, levar estes fatores em consideração. Posteriormente, este conceito foi aplicado indistintamente a todos aqueles que, segundo Marx e Engels, não queriam ou não podiam ou não podiam nem queriam levar em conta esses fatores. Desde então, a denominação “utopista” passou a ser a arma mais poderosa da luta do marxismo contra o socialismo não-marxista” (Ibidem, p. 14).

A partir de então, o único socialismo com *status* de verdadeiro passou a ser o marxista, por princípio oposto ao utópico, identificado com o passado, o erro e o negativo. A pretensão científica desqualificou a utopia e qualquer tentativa concreta de realizá-la, embora, enquanto ideologia, o marxismo tenha oferecido o suporte para a tentativa histórica da sua realização. A obra de Engels consolida a “verdade” do caráter científico do socialismo marxiano, pretensamente superior ao socialismo pré-marxista. Cristaliza-se, assim, uma concepção do socialismo contraposta aos socialistas que antecederam Marx e Engels.¹⁰ O novo socialismo “científico” teria superado e relegado o utopismo às brumas do passado.¹¹ Paradoxalmente, a

¹⁰ Ver: HOBBSAWM, Eric J. *Marx, Engels e o Socialismo Pré-marxiano*. In: HOBBSAWM, Eric J. (Org.). **História do Marxismo**, Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, P. 33-66.

¹¹ “Utópico, na polêmica de Marx e Engels, é o socialismo voluntarista, que apela à razão, à justiça e à vontade do homem, em vez de limitar-se a apresentar à consciência ativa o que as

crença na cientificidade da formulação marxiana levou à negação da utopia. A certeza absoluta no caráter científico da teoria formulada por Marx e Engels tende a obscurecer o caráter ideológico da crítica à economia política burguesa e mesmo os aspectos caracteristicamente utópicos, pois compreende-se a utopia segundo a crítica marxiana formulada no contexto de luta pela hegemonia teórica e política.

Esta concepção consolidou-se na tradição dos marxismos. A ortodoxia marxista recusa veementemente a menor referência à utopia. A simples menção aos aspectos utópicos do marxismo gera reações eivadas de plena irritação e recusa ao diálogo. “Marxismo é ciência!”, afirmam os mais exaltados. *C’est fini*, não há diálogo. Não obstante, a teoria marxista tem conotação utópica e apresenta traços milenaristas e messiânicos.¹² A teleologia marxista nutre a crença numa sociedade sem classes, sem política e sem Estado¹³, ou seja, o comunismo, o paraíso terreno no qual o homem realizará todas as suas potencialidades.¹⁴ A diferença é que a utopia marxista se pretende “científica”, ainda que Marx e Engels, por necessidade da luta política e determinações conjunturais, tenham se esforçado para se distanciarem das propostas caracterizadas por eles como utópicas. “Fascinados por aquilo que o

século XIX acreditava ser a essência e o traço positivo da ciência, isto é, a objetividade, Marx e Engels viam na utopia e na ciência dois conceitos opostos e irreconciliáveis”, afirma Coelho (1993, p.112).

Marx e Engels diferenciam-se dos utopistas contemporâneos – bem como dos renascentistas, como Thomas More – ao não formularem mundos imaginários, sociedades perfeitas planejadas nos mínimos detalhes. Eles não oferecem receitas prontas para a sociedade comunista. Neste aspecto, superam os utopistas, na medida em que procuram fundamentar seu projeto na realidade social, isto é, de forma “científica”. Um exemplo, é a crítica aos planos utopistas de Etienne Cabet e outros que intentaram construir comunidades alternativas ao capitalismo, “oásis” em meio ao “deserto capitalista”. Marx observou que,

“embora os emigrados fossem ardorosos comunista, estavam demasiados “infectados” pela antiga educação, pelos antigos preconceitos (isto é, pela antiga ideologia), e não conseguiriam transformar-se nos “homens novos” indispensáveis à utopia. Isso desencadearia disputas internas, que, somadas à hostilidade que o mundo exterior não deixaria de manifestar contra Icária, acabaria, provocando a desintegração daquela

condições de produção já haviam preparado dialeticamente. Buber questiona, todavia, se o dito socialismo científico, que se quer superior, estaria de fato isento de elementos utópicos”, assinala Borges (2002, p. 2).

¹² Segundo Benedito Nunes: “São messiânicas as religiões de salvação e as filosofias da transcendência, que traduzem, até nos seus sucedâneos – as doutrinas paternalistas do Estado forte, inclusive a ditadura do proletariado –, os derivativos soteriológico (a figura do mediador, sobrenatural ou carismático) e escatológico (transfiguração sobrenatural ou histórica devida ao mediador)” (In: ANDRADE, 1990, p.32).

¹³ Observe-se que neste aspecto marxistas e anarquistas estão de acordo; as divergências centram-se nas estratégias para se chegar aos objetivos finais, isto é, no caminho a ser percorrido.

¹⁴ Para Buber (1971, p.21): “O ponto em que o ímpeto apocalíptico-utópico de Marx se desencadeia e converte todo conceito econômico e científico em pura utopia é quando fala da transformação de todas as coisas que se sucederá à revolução social. A utopia dos chamados utopistas é pré-revolucionária; a marxista é pós-revolucionária”.

sociedade comunista utópica”
(ibidem, 113).

A crítica marxiana indica que a utopia da sociedade pós-capitalista será resultante de um processo social contraditório, o qual criará as condições para o desenvolvimento das formas que terminarão por prevalecer. Não resulta portanto, da imaginação do indivíduo genial que cria a nova sociedade em sua mente¹⁵, nem de decretos de autoridades pretensamente revolucionárias que agem em nome do proletariado. Marx deixou a questão da construção do socialismo-comunismo em aberto; apesar da tentação de muitos dos seus seguidores em ditarem receitas. Como observa Coelho (ibidem, p. 113):

“Marx não seguiu o caminho dos utopistas, que retratavam – às vezes com detalhes minuciosos – o modo de organização e a vida em geral dos habitantes de suas cidades perfeitas. Esse é um detalhe a que frequentemente se dá pouca atenção quando se lê seus textos - mas o fato é que ele não diz como será a sociedade comunista e nem tampouco a socialista, intermediária entre aquela e a capitalista.”

Não por acaso, as utopias imaginadas por autores como Thomas More, Tommaso de Campanella, Ettiénne Cabet e outros, expressam o desejo de sociedades perfeitas, mas apresentam aspectos autoritários.¹⁶ Da mesma forma, as tentativas de construção do socialismo a partir de cima revelaram-se um fracasso e terminaram por engendrar formas autoritárias e opressivas sobre a individualidade, degenerando em

regimes ditatoriais como o stalinismo e seus satélites.

A hegemonia do marxismo comprometeu a noção de Utopia. Na medida em que se afirma enquanto ciência do proletariado, contraposto à ciência burguesa, o *devir* passou a ser interpretado e explicado cientificamente, isto é, como resultante de leis gerais da evolução das sociedades. Se o capitalismo suplantou o feudalismo, a partir das contradições deste, necessariamente será suplantado. É ciência!

Na época da Segunda Internacional, o cientificismo fundiu-se com o evolucionismo de inspiração darwinista e o socialismo passou a ser concebido enquanto resultado inexorável das contradições do capitalismo. A fé no advento da nova sociedade expressou-se na práxis reformista da social-democracia, mas também no determinismo ortodoxo dos revolucionários. De um lado, a Utopia deu lugar à luta pela conquista de melhorias e reformas no presente; por outro, foi substituída pela certeza científica, porém revolucionária, de que a sociedade avançava inexoravelmente para o socialismo. Daí a dificuldade do marxismo assumir o legado e caráter utópico. Não obstante, autores heterodoxos resgataram o significado da Utopia concreta enquanto possibilidade da construção do *vir-a-ser*. Se a Utopia é o *devir*, o futuro sonhado no presente, o princípio da esperança nutrido pela práxis humana, então, as ideologias, inclusive o marxismo, também carregam em si sonhos utópicos! Como nota Ernst Bloch (2006, p. 155): “Sem a função

¹⁵ Neste sentido, como assinala Borges (2002, p. 4), é preciso distinguir “utopia” enquanto gênero literário do “utopismo” enquanto ideologia, embora esta também seja nutrida pela obra de ficção.

¹⁶ Ver “Utopia, de Thomas More”. REA, 179, abril de 2016, disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/31663/16398>

utópica, as ideologias de classe teriam chegado a ser meramente ilusão passageira, e não modelos na arte, na ciência e na filosofia”.

As crises dos marxismos, suas lutas internas com as excomunhões mútuas, as inquisições de caráter político – inclusive com a eliminação física dos hereges –, os regimes ditatoriais erigidos em nome do socialismo e do comunismo, a degeneração da ex-URSS e do marxismo ortodoxo oficial (stalinismo), a derrota das revoluções na Alemanha e na Espanha, a decadência do “socialismo real” – com a queda do muro de Berlim e o desmoronamento da meca socialista –, etc., tudo isto enfraqueceu o élan das ideologias que se propõem a transformar o mundo. Consequentemente, lançou em descrédito as utopias revolucionárias – ao ponto dos mais céticos afirmarem o seu fim.

Mas as utopias sobrevivem às crises. A imaginação utópica é inerente ao ser humano; antecede à própria denominação fixada por Thomas More.¹⁷ Na Idade Média, seu nome é *heresia*; nas lutas contra a nobreza feudal, ela se denomina liberdade; na crítica aos limites da liberdade burguesa, às injustiças e desigualdades da sociedade industrial capitalista, a chamarão de socialismo, comunismo, marxismo, anarquismo e outros tantos nomes que expressam o desejo humano de alcançar um amanhã diferente e melhor do que o hoje. Neste sentido, a Utopia é permanente, supera as ideologias; é a força que nos impele ao futuro, o *devir*; força que nasce da não aceitação da

injustiça e nutre-se da esperança. Como ressalta Coelho (1993, p. 81):

“Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se “esperança”; esperança de que aquilo que não é, não existe, possa vir a ser; uma espera, no sonho, de que algo se move para a frente, para o futuro, tornando realidade aquilo que precisa acontecer, aquilo que tem de passar a existir.”

A imaginação utopista não é o delírio individual dos que buscam o abrigo no ego e recusam-se a aceitar a realidade. Então, a utopia torna-se uma espécie de escapismo. “Tem que ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado”, afirma Coelho (*ibidem*, p.82). A imaginação utópica possibilita o vínculo entre o viver e o sonhar, sem o qual

“o sonho é uma droga narcotizante como outra qualquer, e a vida, uma sequência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas também das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por

¹⁷ “A beleza do nome encontrado por Thomas Morus para a sua ilha da felicidade faz com que se datem os anseios utópicos do aparecimento de seu livro, no século XVI. O fenômeno, porém, sempre existiu desde que uma sociedade se sentiu mal no seu molde enrijecido e sonhou outra

conformação ideológica para a sua existência. Que nome tomaram as Utopias no largo percurso da Idade Média? Foram geralmente tratadas como “heresias” e quase todas liquidadas a ferro e fogo” (ANDRADE, 1990, p.205).

onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença numa outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar de vida” (ibidem).

A Utopia habita em indivíduos concretos que pensam e sentem, sofrem e se alegram, lutam e, sobretudo, nutrem a esperança. Somos capazes de imaginar o devir, de termos “sonhos diurnos”. A consciência antecipadora é própria do humano. Somos animais ansiosos, seres que se angustiam antecipadamente. Imaginamos o *vir-a-ser* ainda que este seja apenas possibilidade remota. Mesmo quando este se apresenta enquanto possível concreto, ficamos a imaginar “como será”, “como reagiremos”, se confirmará ou não as expectativas. De tanto pensar, sofremos por antecipação; mas também nos alegramos com a *possibilidade de...*

Enquanto o futuro não se concretiza, mas permanece em gérmen dentro de nós, sonhamos e desejamos. Somos seres desejantes. Desejar é querer. “Não há querer que não tenha sido precedido de um desejar”, afirma Bloch (2006, p. 51). O querer pressupõe agir, indica um *querer fazer*. “Desejos nada fazem, mas eles dão a forma e retêm com especial fidelidade o que deveria ser feito” (Ibidem). O desejar ativo anseia, mas também pode ser angustiante e prisioneiro do medo. A esperança é expectante, opõe-se ao medo e à angústia; ela é “a mais humana de todas as emoções e acessível apenas a seres humanos. Ela tem como referência, ao mesmo tempo, o horizonte mais amplo e mais claro” (Ibidem, p. 77).

A esperança é um sonhar acordado. Os “sonhos diurnos” alicerçam-se em carências e na expectativa de dias melhores. É um sonhar consciente da

realidade, mas insatisfeito diante dela. É um sonhar que almeja superar o que é e instituir o que pode ser. A possibilidade do novo está inscrita no ser, gesta-se no presente. A história é aberta e prenhe de possibilidades. Seu fundamento é o real materialmente concreto e contraditório. “O sonhar desperto, ou seja aberto para o mundo, sabe não se abster. Ele se recusa a se saciar ficticiamente ou ainda espiritualizar desejos. A fantasia diurna, assim como o sonho noturno, tem os desejos como ponto de partida, mas vai com eles até o fim. Quer chegar ao lugar da realização”, escreve Bloch (Ibidem, p. 97).

A esperança é militante, é um “afeto prático” que desfralda bandeiras. As utopias nutrem-se da esperança, a esperança é utópica. Mas utopia concebida em sua concretude, enquanto possibilidade real fundada num mundo de carência e no desejo de superação. Não é um sonhar fantasioso, desvinculado da vida real. Como nota Bloch: “O ponto de contato entre o sonho e a vida, sem o qual o sonho produz apenas a utopia abstrata e a vida, por seu turno, apenas trivialidade, apresenta-se na capacidade utópica colocada sobre os próprios pés, a qual está associada ao possível” (Ibidem, p. 145). A realidade não é estática, mas movimento contraditório em direção ao *devir*.

Os sonhos são instigantes. Iludem-se os que racionalizam em demasia e desconsideram a capacidade humana de sonhar, de desejar navegar por águas desconhecidas, atracar em novos portos e explorar territórios e países imaginários. A vida não se reduz à mediocridade, mesmo no mísero cotidiano o humano sonha. A vida humana tem uma amplitude que extrapola os limites do mero reproduzir-se. Sonhar e desejar talvez sejam o mais essencial ao viver. O ser humano até

precisa de certa dose de ilusão, necessita superar o domínio do mero instinto animal. O humano é um ser em construção, social e historicamente. “O que caracteriza o amplo espaço da vida ainda aberta e ainda incerta do ser humano é a possibilidade de assim velejar em sonhos, que são possíveis sonhos diurnos, muitas vezes do tipo totalmente sem base na realidade. O ser humano fabula desejos”, observa Bloch (Ibidem, p. 194). O mundo é inconcluso, aberto à transformação. O futuro é uma construção humana nutrida pela esperança! A efervescência utópica é própria do humano!

Os que rejeitam a Utopia em nome das ideologias, também sonham, contestam e movem-se segundo o princípio da esperança; nutrem-se deste e, simultaneamente, alimentam-no. Mas, receosos de que lhes sejam lançados à face a pecha de utopistas e apegados à crença de que só precisam da ciência – e que suas ideologias têm caráter científico –, permanecem presos no século XIX. A crítica ideológica ortodoxa à utopia não superou o contexto das polêmicas políticas que exigiam a superação dos limites do pensamento utópico daquela época. Daí a dificuldade em aceitar a utopia e afirmar a ciência, como se esta também não estivesse enviesada de valores morais e ideológicos. Parou-se no tempo e não percebe-se que as utopias – mesmo as literárias, como a de Thomas More – nutrem-se da realidade material da vida, das possibilidades objetivas que apontam as tendências da época, aspectos mediadores entre o presente e o *devenir*, entre o hoje e o amanhã. Não é

“idealismo”, desprendimento do real, como alegam os “realistas” pragmáticos; não é abstração, mas *utopia concreta*; não se resume ao sonhar, mas é contestação e, ao mesmo tempo, expressa a história enquanto possibilidades humanas. A Utopia sinaliza o inconformismo e prenuncia a revolta, as revoluções.

Os preconceitos e a dificuldade de aceitar a utopia tem sua fonte na própria origem da palavra. Cunhada por Thomas More em obra publicada no século XVI, *Utopia* significa *não lugar*. O que não existe, portanto. Assim, os que asseguram que sua ideologia ou asseguram que é “ciência”, dificilmente aceitará a utopia. Isto significaria aceitar a pecha de “utópico”, concebido como uma espécie de xingamento. Mas há os que concebem a utopia como uma prática concreta cotidiana, enquanto *ethos*, modo de vida, na qual se constrói o futuro a partir da realidade existente.¹⁸ Estes, em geral, assumem uma noção de utopia como constituinte de uma experiência, uma forma de vida ativa. Na militância concreta, utopia e ideologia fundem-se e confundem-se; e mesmo os que imaginam pautar a práxis militante pela ciência, descartando o aspecto ideológico contido nesta postura, não necessariamente abandonam a perspectiva utópica. O socialismo “científico” nada perde em beber na fonte de água cristalina da utopia, mesmo nos pensadores utópicos tão criticados – mas também elogiados, na medida em que Marx e Engels reconhecem suas contribuições.¹⁹

¹⁸ Como exemplo de uma vivência utópica ativa, sugiro a leitura da Dissertação de Mestrado “Blasfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em *A Lanterna* (1909-1916)” (ANDRADE, 2009).

¹⁹ Neste sentido, o comentário de Benedito Nunes sobre Oswald de Andrade é ilustrativo: “Na

verdade, ao abandonar o marxismo, por uma reação contra a ditadura do proletariado e a dogmática obreira do Estado soviético, Oswald não abandonou o pensamento de Marx, por ele conservado naquilo que tem de essencial. É que o poeta, e eis onde começa a originalidade do seu pensamento, mesmo como marxista, o que pode

Os perigos das utopias

A relevância da utopia não significa ausência de questionamentos. São muitos os críticos, desde os que se apegam ao senso comum e consideram o utopismo uma forma de delírio e idealismo – no sentido de desvinculado da realidade – aos que elaboram a crítica com maior profundidade. O espírito burocrático considera-se realista, de um realismo responsável à toda prova. Não menos *realista*, mas embevecido pela crença absoluta na objetividade científica, o racionalista segue a mesma trilha. Pragmáticos e cientificistas, no fundo temem a imaginação.

Não obstante, as utopias apresentam características homogeneizadoras, intentam ordenar a vida segundo preceitos racionais, perseguem a perfeição; apresentam o paradoxo de uma sociedade perfeita criada por homens e mulheres humanamente imperfeitos. A ideia da perfeição anula a necessidade de mudar, não aceita a crítica e, amparada na imagem que faz de si mesma, estagna.²⁰ A sociedade perfeita deve proporcionar a felicidade. Como recusar ser feliz?! Quem rejeita a felicidade projetada pelo Estado é louco, deve estar fora do seu juízo perfeito.

ser confirmado pela leitura dos escritos da fase em que durou a sua militância partidária, nunca deixou de ser utopista. E jamais fez, na realidade, a distinção, sabidamente estratégica, entre socialismo utópico e socialismo científico. Manteve ele no marxismo a dimensão ética das doutrinas do chamado *socialismo utópico* (Proudhon, sobretudo), e o antiestatismo anarquista de um Kropotkin. Seu socialismo jamais deixou de ser, fundamentalmente, o da rebeldia do indivíduo contra o Estado, mais interessado numa sociedade nova, cuja vida passasse pela morte da organização estatal, do que no fortalecimento de uma ditadura do proletariado. Daí ter ele assimilado o marxismo ao ciclo das utopias, e isso reagindo ao caráter messiânico de que se revestira na Rússia, como

Portanto, na perspectiva das autoridades, deve ser excluído da sociedade.

Os que antecipam as utopias, procurando lhes dar concretude, podem experimentar aspectos destas, mas estão limitados pela realidade vigente. Neste sentido, há o risco de desconsiderar os aspectos limitadores e forçar a “antecipação” do *vir-a-ser*. O perigo é o agir deslocado da realidade. Na verdade, a utopia repõe a tensão entre o real e a imaginação, entre a materialidade concreta – seus obstáculos e as restrições inerentes – e a utopia, entre reforma e revolução, entre realidade e o sonho de uma nova realidade. Em termos weberianos, significa tencionar a “ética da responsabilidade” e a “ética da convicção”. Embora a utopia seja defensável, há uma tendência a agir “irresponsavelmente” – do ponto de vista político – e pautar-se pela “convicção”. Neste sentido, a utopia torna-se uma “missão”, uma “causa redentora” e pode degenerar-se em perigoso delírio dos que arquitetam novas ordens sociais mas desconsideram os muros e o material humano sobre o qual deverão se erguer. O perigo maior é querer impor a utopia, agir à maneira de Procusto.²¹ Para alguns visionários, a solução é simples: dar cabo de todos os que se recusam a aceitar a nova ordem utópica. O perigo é o

ideologia do Estado. (In ANDRADE, 1990, p.37-38).

²⁰ “E o que é mais grave: essa homogeneidade, esse imobilismo, tendem a ser intolerantes. Na utopia de More todos mantêm um olho aberto sobre você, de modo a coagi-lo a atuar corretamente, isto é, tal como vem descrito nas tábuas da lei. Platão prevê a morte para os que discordarem das palavras do Guardião Supremo. Para os subversivos, a morte” (COELHO, 1993, p.100-101).

²¹ A analogia das utopias com o “leito de Procusto” ressaltada por Jacob Gorender em seu depoimento ao documentário “Utopia e Barbárie”, dirigido por Silvio Tendler (Brasil, 2009).

utopista se ver ou agir como profeta do reino de Deus aqui na terra. Não é por acaso que os movimentos heréticos são carregados de profecias, mas também se propõem a construir novos mundos, realizar desejos e dar materialidade à imaginação.

Também a imaginação utópica carrega em si o risco de ser totalitária – precisamente por sua pretensão de pautar a subjetividade e a vida dos indivíduos em todos os seus aspectos. Esta é a fonte da dificuldade em aceitar o outro, da recusa ao diálogo, do desejo de “salvar” o outro da realidade alienante, da intolerância com os que não aceitam a utopia, da imposição do “leito de Procusto”. A razão também cria monstros:

“É que estão demasiadamente preocupados com a *ordem*, em *ordenar a sociedade, racionalizar a vida*. Platão é extremado nessa opção: o artista, o poeta, isto é, aquele que de modo particular põe em exercício a primeira consciência, a consciência do sentir, será escorraçado de sua cidade ideal. Nela, ele não tem vez. Platão argumenta que a arte só serve para enganar os homens, desviando-os da razão - mas o que ele teme na verdade é a liberdade, a contestação, a subversão, o caos criativo que a prática artística pode trazer ao negar os controles e as ideias feitas típicas da consciência racional” (COELHO, 1993, p. 96-97).

As Utopias também podem confirmar exclusões sociais e preconceitos raciais na medida em que propõem um ordenamento racional fixo. Platão, por exemplo, ao forjar o mito das “raças metálicas” estabelece uma divisão classista fixa:

“Segundo ele, um deus teria colocado ouro naqueles capazes de governar, prata nos auxiliares e ferro

e cobre naqueles destinados apenas a serem governados (...). Com isso, reintroduzia em sua cidade o preconceito racial misturado ao social. E preconceito definitivo, porque os metais são hereditários” (Ibidem, p. 97).

É uma sociedade que procura aperfeiçoar-se geneticamente, fundada na eugenia, com controles na esfera da reprodução sexual. Esparta é o modelo militarista e disciplinador platônico. “De modo particular nas *Leis*, Platão enuncia as bases de seu autoritarismo (para não dizer ditadura, pura e simples), presente também em outras utopias, especialmente as do século XX, como as de Huxley e Orwell”, afirma Coelho (Ibidem, p. 97-98).

As utopias tendem à estabilização da ordem, mostram-se refratárias às mudanças sociais e políticas. Nelas a dialética aparenta ter encontrado a síntese definitiva. Também as revoluções subvertem a ordem para estabilizar-se numa nova ordem, abrindo espaço para a contra-revolução cristalizadora dos seus aspectos mais autoritários legitimados pela ideologia que torna-se dominante. O conformismo à ordem estabelecida passa a ser a regra.

A utopia de Platão, como a de More, almeja a sofocracia, isto é, o governo dos que dominam o saber. Nestas, “a palavra do Estado (uma vez que na cidade ideal (...) o governo é confundido com a classe dominante, por vontade desta) não pode ser contrariada. A pena para o crime de discordar das opiniões e diretivas do Estado pode ser a morte, decidida por um nebuloso Conselho Noturno”, ressalta Coelho (Ibidem, p. 98). Qualquer semelhança com as “utopias realistas” do século XX não é mera coincidência.

A razão utopista se perde em detalhes risíveis, além da pretensão de superar as

imperfeições humanas. Como nota Coelho (ibidem, p. 99).

“O próprio Campanella afirma que em seu condado as pessoas não sofreriam de gota, de reumatismo, de dores ciáticas, de cólicas - e nem de flatulências. Cabet, falando de sua Icária, prevê que numa fábrica trabalhariam 2.500 moças, nem uma a mais ou a menos; costureiras, todas elas, trabalhariam umas sentadas, outras em pé, embora fossem quase todas “encantadoras”... E das mãos dessas lindas criadoras surgiram, toda manhã, milhares de elegantes perucas... que não se vê muito bem quem poderia usar numa sociedade que, afinal, é perfeita, e onde por conseguinte ninguém precisa mostrar o que não é. Críticos ou céticos, como Cioran, não deixam por menos: elucubrações como essas são indícios garantidos de mera debilidade mental ou pelo menos do mau gosto de seus autores.”²²

Nesta perspectiva crítica:

“É relativamente fácil sentir que os habitantes dessas sociedades, ou de grande parte delas, apresentam-se na verdade como meros fantoches, como personagens sem vida, autômatos. Sente-se que não passam de meros símbolos – e embora se possa dizer que as utopias, na verdade, têm essa função simbólica, fica a suspeita de que, se deixassem o mundo dos símbolos para tornarem-se realidade, seus habitantes continuariam a ser

entidades vazias e imobilizadas, como signos num quadro negro. A harmonia universal, baseada na felicidade impessoal pregada pelas utopias, acaba surgindo como um magma capaz de encerrar e sufocar seus eventuais habitantes reais. O mundo utópico seria plano, liso, chato, sem acidentes a atrair a atenção de seus moradores – ou de seus prisioneiros, como preferem alguns” (Ibidem, p. 99-100).

As utopias (e ideologias) aspiram a padronização e pregam a ortodoxia. Declaram guerra à dissidência, à heterodoxia, a tudo o que desafie a realidade criada e almejada à imagem e semelhança dos seus ideólogos. Tornam-se sombrias, asceticamente chatas, rabugentas, imobilistas. Aliás, é preciso diferenciar utopias e distopias, pois, como argumenta Coelho, na medida em que é uma palavra polissêmica e polêmica, com muitos prós e contras:

“... o conceito de Utopia revela-se demasiado estreito para abranger todos esses diferentes programas. Mesmo que tenha traços totalitários, a Utopia de More não é rigorosamente o mundo novo de Huxley, assim como a Inglaterra sonhada pelo arquiteto William Morris não é o incômodo “mundo diverso mas idêntico” de Joseph Hall (*Mundus alter et unum*). Impõe-se dois outros conceitos, espécies do gênero utopia: a *eutopia*, ou lugar bom, e a *distopia*, o lugar mau, o lugar da distorção. Utopia,

²² O risco do delírio está presente nos melhores e mais sinceros utopistas. Sobre este aspecto, Ernst Bloch faz a seguinte observação: “Porém, vários reformadores do mundo eram paranoicos ou corriam o risco de sê-lo. (...) O paranoico é muitas vezes um fazedor de projetos, entre ambos acontece eventualmente a reciprocidade. De tal forma que um talento utópico escorregue para a paranoia, sim, que ceda quase espontaneamente ao delírio. Um exemplo é dado por um dos maiores utopistas, Fourier. Em sua obra crescem, ao lado de sagaz análise de

tendências, as mais estranhas imagens do futuro” (BLOCH, 2006, p. 30). O filósofo se refere também a Saint-Simon e Comte: “Mesmo o grande utopista Saint-Simon, em seus últimos escritos, referentes ao papa da indústria, tangenciou de leve o delírio que às vezes ameaça melhoradores do mundo. Seu discípulo August Comte esteve completamente absorto nele em sua última fase. Comte ampliou tanto a Igreja da inteligência de Saint-Simon que não deveriam adorar apenas a humanidade, mas também o espaço e a Terra” (Ibidem, p. 31).

Icária, Nova Atlântida, apesar de tudo, tenderiam a ser à primeira vista eutopias; e o “mundo novo” de Huxley, assim como o mundo nazista, distopias – embora essa classificação não possa ser aplicada de modo simplista, uma vez que muitas das eutopias não deixam de apresentar seu lado distópico.”

Considerações conclusivas

Ainda que enfatizemos os aspectos positivos das utopias, há a necessidade da crítica aos seus aspectos negativos (distópicos). Na medida em que a eutopia apresentam traços distópicos, a distinção dos nomes – *eutopias* e *distopias* – não resolve o problema. Nem tudo nas utopias corresponde aos sonhos humanos de liberdade e realização do indivíduo. Os sonhos utópicos nutrem as ideologias e, quando concretizados, podem se revelar pesadelos humanos.²³ A racionalidade, aliada à imaginação, também podem gerar monstros. Embora generosas em seus fins, as utopias podem revelar traços autoritários. Elas contêm o desejo extremado de perfeição, de ordenar, de sociedade perfeita, a imagem da perfeição. Ocorre que o ser humano é imperfeito, heterogêneo, diverso. Os intentos homogeneizadores fundam-se em ideais que na prática anulam a diversidade, a subjetividade individual e tentam, de todas as formas, criar uma nova realidade à imagem e semelhança da utopia-ideologia considerada redentora, correta.

A história mostra que tais experiências terminam por se revelar incapazes de tolerar o diferente, a crítica. Como

Procusto, terminam por eliminar os que não se encaixam, os que resistem. Os riscos de agir à maneira de Procusto são ainda maiores, na medida em que as ideologias sustentam-se na crença acrítica em relação aos líderes e instituições. Não obstante os riscos que acarretam, a crítica à realidade vigente permanece premente.

Apesar de tudo, o sonhar humano continua sendo o combustível da imaginação de um novo mundo, uma nova realidade. Os sonhos alimentam a esperança, nutrem as utopias e mesclam-se com as ideologias que almejam revolucionar a ordem social, o *status quo*. Neste aspecto, expressam o que há de mais generoso no desejo humano de transformar o mundo e a si mesmo. A utopia é o horizonte a ser perseguido. O perigo é a ilusão de tê-lo alcançado. Então, paradoxalmente, não haverá mais lugar para a imaginação utópica e a ideologia a consumirá em sua ânsia ortodoxa, transformando o sonho em pesadelo, em barbárie.

Referências

ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw de. **Blasfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em A Lanterna (1909-1916)**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientadora: Professora Doutora Zilda Maria Gricoli Iokoi. São Paulo, 2009.

²³ “L’utopie est un exercice de l’imagination pour penser autrement. L’histoire des utopies nous montre qu’aucun domaine de la vie en société n’est épargné par l’utopie; elle est le rêve d’un autre mode d’existence familiale, d’une autre manière de s’approprier les choses et de consommer les biens, d’une autre manière d’organiser la vie politique, d’une autre manière

de vivre la vie religieuse. Il ne faut pas s’étonner, dès lors, que les utopies n’aient cessé de produire des projets opposés les uns aux autres; car elles ont en commun de miner l’ordre social sous toutes ses formes. Or, l’ordre a nécessairement plusieurs contraires.”, afirma Paul Ricœur (1984, p. 61).

ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Obras completas).

BLOCH, Ernst. **O princípio da esperança**. (Vol. I). Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006.

BORGES, Bento Itamar. *Verdade e ficção em textos utópicos*. PHILÓSOPHOS 7 (1): 1-23, 2002.

BUBER, Martin. **O Socialismo Utópico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

CABET, Etienne. **Voyage en Icarie**. Paris: Dalloz, 2006.

COELHO, Teixeira. O que é Utopia. In: FERNANDES, Florestan. O que é Revolução; COELHO, Teixeira. O que é Utopia; COSTA, Caio Tulio. O que é Anarquismo. São Paulo: Círculo do Livro, 1993 [Primeiros Passos, vol. 3].

COLE, G. D. H. **Historia del Pensamiento Socialista, I** – Los precursores (1789-1850). México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução; tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. In: MARX, K; ENGELS, F. Obras Escolhidas, Tomo III. Lisboa: Edições “Avante”; Moscovo: Edições Progresso, 1985, p.104-168.

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. *Utopia e marxismo: apontamentos para uma crítica em torno da lógica da política: a cultura partidária*. **Anál. & Conj.**, Belo Horizonte, v.5, n93 set./dez.1991, p. 132-152.

HAUPT, Georges. **Marx e o Marxismo**. In: HOBSBAWM, Eric (Org.). História do

Marxismo, vol.1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p. 347-375.

HOBSBAWM, Eric J. **Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano**. In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.). História do Marxismo, Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 33-66.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. Trad. de Juarez Guimaraes e Suzanne Felício. São Paulo: Buscavida, 1987.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas, Tomo I. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1982, p. 95-136.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 1996.

MORE, Thomas. **Utopia**. Organização George M. Logan, Robert M. Adams; tradução Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla – 2ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RICOEUR, Paul. **L'idéologie et l'utopie**: deux expressions de l'imaginaire social. In: Autres Temps. Les cahiers du christianisme social. N°2, 1984. pp. 53-64, disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/chris_0753-2776_1984_num_2_1_940

SILVA, Antonio Ozaí da. *Ideologia e Utopia*. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 96, maio de 2009, disponível em http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp_ozaí.htm

SILVA, Antonio Ozaí da. *Utopia, de Thomas More*. **Revista Espaço Acadêmico**, 179, abril de 2016, disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/31663/16398>